
PRAGMÁTICA EM FUNÇÃO TOPONÍMICA COMO PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO

Cleber Cezar Silva¹

Resumo: Este estudo objetiva-se analisar a referenciação em função toponímica (nomes de ruas), da Vila Presidente Tancredo Neves, Pires do Rio-GO. A teoria desta pesquisa centra-se na Pragmática, referenciação, com os pesquisadores: Kock (1998, 2005), Marcuschi (1998, 2000, 2007), Mey (2001), Pinto (2001) e Rajagopalan (2016), já na toponímia, revisitamos as teorias dos estudiosos: Andrade (2010), Dick (1990, 1992, 2004), Isquierdo (1997, 2004), Siqueira (2011, 2012) e Silva (2017). A metodologia é o entrecruzamento do método onomasiológico e o diacrônico. E, no decorrer do estudo, observa-se que a função toponímica, no contexto pragmático, traz um arcabouço sócio-histórico-cultural evidenciado pelo processo de referenciação.

Palavras-chave: Referenciação. Toponímia. Estudo Diacrônico.

PRAGMATICS IN TOPONYMIC FUNCTION AS A REFERENCE PROCESS

Abstract: This study aims to analyze the reference in toponymic function (names of streets), Vila Presidente Tancredo Neves, Pires do Rio-GO. The theory of this research focuses on the pragmatic, referential, with the researchers: Kock (1998, 2005), Marcuschi (1998, 2000, 2007), Mey (2001), Pinto (2001) and Rajagopalan (2016), already in toponymia, we review the theories of scholars: Andrade (2010), Dick (1990, 1992, 2004), Isquierdo (1997, 2004), Siqueira (2011, 2012) and Silva (2017). The methodology is the cross-over of the onomasiological and the diachronic method. And, in the course of the study, it is observed that the toponymic function, in the pragmatic context, brings a social-historical-cultural framework evidenced by the process of reference.

Key-words: Reference. Toponymy. Diachronic Study.

1 Preparando o terreno para o plantio

A nomeação de seres e objetos é o processo de categorização, pois o homem os categoriza por meio de atos linguísticos e da referenciação, e nomear é dar existência a

¹ Doutorando em Linguística, UNB (2017), Mestre em Estudos da Linguagem, UFG/Regional Catalão (2017), possui graduação em Letras (Português/ Inglês) UEG (2003) e Letras (Português/Espanhol) UNIP (2014). Especialização em Psicopedagogia (2005) - UEG - Unu de Pires do Rio - Goiás, Especialização em Linguística Aplicada: Ensino-Aprendizagem em Línguas Estrangeiras (2010) - Universidade Federal de Goiás. Atualmente é professor no Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí. Membro da ALAB (Associação de Linguística Aplicada do Brasil). Com experiência em Ensino Superior junto a Universidade Estadual de Goiás, Pós-graduação nível especialização junto a Faculdade Noroeste - FAN, e na educação básica e função de Gestor Educacional junto a SEDUCE/GO. Atuando na área de Letras e Linguística, com ênfase em Línguas e Literaturas, com os seguintes temas: variedade, domínio, educação, inclusão, ensino de LE e prática pedagógica, léxico e toponímia.

algo ou alguém. Assim, em Couto (2007), observamos que, no ato de nomeação, surge um novo léxico, denominando esse processo de lexicalização, e isso só se dá mediante o que, de alguma forma, chama a atenção do nomeador.

É por meio do nome que há a identificação e, principalmente, a diferenciação dos seres e dos objetos. No ato da nomeação, aspectos extralinguísticos influenciam o nomeador, o que pode caracterizar, especificamente, a motivação que subjaz a qualquer signo linguístico em função toponímica. A motivação, por sua vez, é reveladora de inúmeros aspectos que estão na base da inter-relação língua, cultura e ambiente, pois o nome próprio de lugar, como fato da língua, identifica e guarda uma significação precisa oriunda de aspectos físicos ou culturais (SILVA, 2017).

No ato de nomeação, o sujeito que assim o faz toma como premissa um objeto (ou coisa) que passa a pertencer ao seu discurso (objeto-do-discurso), para que possa surgir um novo léxico (o processo de lexicalização). Essa atividade discursiva da nomeação, de acordo com Koch; Marcuschi (1998); e Koch (2005), é o processo de referenciação, realizado por sujeitos ativos, e, assim, a “progressão referencial se dá com base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida centralmente no discurso” (KOCK; MARCUSCHI, 1998, p. 169).

Essas observações preliminares veem corroborar com as discussões que propusemos fazer no decorrer deste estudo, com vias na função toponímica como processo de referenciação. Em nossas pesquisas não encontramos nenhum trabalho que entrecruza as áreas da pragmática e onomástica, assim, justificamos que nossa pesquisa é de fundamental importância para ambas as áreas, pois irá contemplar uma vertente que dará subsídios e impulsionará outros estudiosos a pesquisar temas de mesma natureza.

2 Plantando a semente da pragmática com a toponímia

Os estudos pragmáticos se alinham com esse trabalho, por considerarmos que os topônimos, como processo de referenciação, constituem enunciados em contexto real de uso. Tal perspectiva refletirá no processo de referenciação do determinado léxico como fonte de relação língua e cultura da comunidade local.

Segundo Jiménez (1994, p. 121),

el léxico sigue siendo una de las áreas por conquistar de la lingüística contemporánea y el componente pragmático en el léxico primario de una lengua individual, es, sin lugar a dudas, dentro de éste, el campo que menos atención ha recibido.

Ainda justificamos, de acordo com a autora, que o léxico é uma das áreas que deve ser observada e estudada, pois tem recebido pouca atenção, e “los rasgos pragmáticos de cada campo donde la información contenida en el subcomponente cultural se revela como la más importante” (JIMÉNEZ, 1994, p. 124). Percebemos que, no campo da pragmática, o léxico toponímico, também, constitui fonte de estudo, pois no ato de batismo, o nomeador transporta fatores linguísticos e extralinguísticos que fazem referência ao local nomeado, tornando o referente como um arcabouço cultural. E, essas relações podem ser ratificadas pelos estudos toponímicos, de forma a revelar os fatores sócio-histórico-culturais presentes nos topônimos.

2.1 Preparando a semente e plantio da pragmática, referenciação

De acordo com Pinto (2001, p. 45), a “pragmática aposta nos estudos da linguagem, levando em conta também a fala, e nunca nos estudos da língua isolados de sua produção social”. E, ainda, Rajagopalan (2016, p. 197) afirma que “a pragmática é um modo peculiar de olhar para a linguagem e estudá-la. Ela encara a linguagem como a ação, acima de qualquer outra coisa”. Percebemos então que a pragmática vem explicar a linguagem em uso, sem descartar nenhum de seus elementos não comunicacionais, problemas relativos ao uso da linguagem (PINTO, 2001).

As práticas sociais de linguagem são para a pragmática indissociáveis de suas consequências éticas, sociais, econômicas, culturais. Assim, nesse contexto de estudo, Mey (2001) procura debater o lugar da linguagem na sociedade, sabemos que a linguagem tem um lugar de premissa na sociedade, por meio dela que ocorre os processos interacionais, bem como os de nomeação, referenciação que são defendidos em nossa pesquisa.

Já Rajagopalan (2016, p. 197) menciona que: “a pragmática se contrapõe à posição de que nossa fala tem como objetivo primário reportar o que se passa no mundo lá fora ou descrever o que se vê ao nosso redor”. Assim, observamos nos estudos da pragmática o processo de referenciação no ato de batismo de um topônimo, pois tal processo se vale de elementos contextuais linguísticos e extralinguísticos do interagente.

Partindo da premissa de Mey (2001), usamos a linguagem para referir a pessoas e coisas, direta ou indiretamente. No caso da referência direta, temos nomes disponíveis que nos levarão a pessoas e coisas, mas quando a referência é feita indiretamente, poderemos ter que recorrer a outras estratégias, linguísticas bem como não-linguísticas, a fim de estabelecer a referência correta. Nessa visão, a referência em nossa pesquisa é direta, pois temos nomes disponíveis, topônimos, que serão analisados na seção seguinte.

Tratar da referenciação é elementar, assim observamos que

a referenciação, tal como a tratam Mondada e Dubois (1995), é um processo realizado no discurso e resultante da construção de referentes de tal modo que a noção de referência passa a ter um uso diverso daquele que se lhe atribui na literatura semântica em geral. Referir não é uma atividade de “etiquetar” um mundo pré-existente e extensionalmente designado, mas sim uma atividade discursiva de tal modo que os referentes passam a ser objetos-de-discurso. Isso não quer dizer que se nega a existência do mundo extra-mental, pois este continua sendo a base para a designação (MARCUSCHI, 2000, p. 17, grifos do autor).

Os objetos tidos como do discurso passam a representar unidades lexicais que são usadas pelo falante para se referir a coisas que por ele foram caracterizadas em um processo de interação cooperativa, já que esse objeto passa a existir mediante o ato de referenciar, e:

sob essa perspectiva, o ato de referenciar pode explicar por que a linguagem não espelha a realidade “pura”, mas reflete a “realidade” criada pela percepção cultural do falante. Isso quer dizer que a realidade percebida por nós é fabricada por toda uma rede de estereótipos culturais, que condicionam a própria percepção e que, por sua vez, são garantidos e reforçados pela linguagem, de modo que o processo de conhecimento é regulado por interação contínua entre nossas práticas culturais, percepção e linguagem (KOCH, 2005, p. 77).

O reconhecimento do referente (ou do objeto de discurso) é o produto da interação entre o falante e seu ambiente. Compete ao linguista considerar não as transformações sofridas pelos objetos do mundo extralinguístico, mas as que afetam a representação discursiva das entidades em cada ponto do enunciado, a partir do conhecimento compartilhado pelos interagentes. E, assim,

a linguagem é sobretudo um domínio público de construção interativa do social e do histórico permitindo assim, na convivência cooperativa, a própria sobrevivência da espécie humana. Em suma, a linguagem é nossa forma

cooperativa de ser, viver e nos apropriarmos do mundo e não de representá-lo (MARCUSCHI, 2000, p. 2).

Para Marcuschi (2007, p. 92), ainda,

é necessário postular que, se por um lado, o mundo físico externo existe, por outro, ele não existe naturalmente assim, na forma como nós o identificamos como sendo isto ou aquilo, pois a identificação dos fenômenos passa pelo filtro de nossas elaborações e, basicamente, de nossa linguagem.

É, observável que a referenciação se dá de forma interativa, construindo as representações, possivelmente, componenciais, que assim irão nos fornecer pistas de acesso para a elaboração de sentidos, pistas estas que podem ser constatadas no processo de inferenciação, como são observadas por Gumperz (1982).

Por fim, nos estudos de Yule (2003), as informações são pareadas com as de Marcuschi (2000, 2007) e Mey (2001), ao estabelecer que a referência não é simplesmente uma relação entre o significado de uma palavra ou frase e um objeto ou pessoa no mundo. É um ato social e colaborativo, em que o reconhecimento imediato de um referente pretendido, mesmo quando uma expressão mínima de referência é usada, representa algo compartilhado, algo em comum e, portanto, proximidade social. É nessas relações da referenciação que a seguir trazemos informações contundentes da toponímia, precisamente, da função toponímica como processo de referenciação, que é o objeto desta pesquisa.

2.2 Plantando uma semente transgênica: a função toponímica

A toponímia é definida pela toponimista brasileira, Dick (1990, p. 36), como sendo “um imenso complexo língu cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e não exclusivamente”. E ainda, de acordo com Andrade (2010), o termo toponímia vem do grego *topos* “lugar” e *onoma* “nome”. Em sua essência, busca-se estudar nomes de lugares e designativos geográficos – físicos, humanos ou culturais (rios, córregos, ribeirões, morros, cerras, ruas, cidades, praças, fazendas, povoados). De acordo com Siqueira (2011), dentro das entidades geográficas encontram-se subclasses, como a econímia (nomes próprios de lugares habitados) e a hidronímia (nomes de entidades hidrográficas).

Consoante Andrade (2010, p 105-106),

não se pode pensar em toponímia desvinculada de outras ciências como história, geografia, antropologia, cartografia, psicologia e a própria linguística. Deve ser pensada como um complexo linguístico-cultural: um fato do sistema das línguas humanas. Faz parte de uma ciência maior que se subdivide em toponímia e antroponímia.

Revisitando Siqueira (2012), observamos que a toponímia, ou toponomásia, é uma área de estudos linguísticos que se atém à descrição e à análise dos nomes designativos de lugares. Assim, um topônimo (léxico) é um nome próprio ou comum que foi, por um processo deliberado de escolha ou seleção, convertido em designativo de um lugar, isto é, um nome originalmente arbitrário que se converte em nome de lugar por um processo marcado por motivações de diversas ordens.

Andrade (2010, p. 23) traz a formação do léxico (signo) toponímico a partir da interação de P (população) e T (território) e a influência sentimentalista para nomeação dos lugares, pois:

o signo toponímico é motivado pelas características físicas do local ou pelas impressões, crenças e sentimentos do denominador. Além de diferir dos demais signos, no que se refere à motivação, tem particularidade específica também quanto à função. O signo linguístico se reserva à arbitrariedade; o signo toponímico, à motivação. Deve, portanto, ser encarada de dois ângulos: a função do denominador (razões que fazem com que o falante escolha e/ou selecione um signo toponomástico, dentro de um eixo paradigmático) e a natureza do produto dessa escolha: a própria origem semântica da denominação, de modo transparente ou opaco.

Nesse sentido, o topônimo passa de um signo arbitrário (imotivado) para um signo motivado. Sobre o caráter imotivado dos signos linguísticos, cabe salientar, conforme Saussure (2008), que o vínculo que une o significante ao significado é arbitrário, não há relação lógica ente as duas faces do signo. A associação entre ambos (significante e significado) é de natureza convencional, não natural. Assim, todo estudo toponímico tem no caráter motivado do signo toponímico seu ponto de partida, ou seja, os estudos sobre os topônimos se baseiam na motivação que subjaz para analisar todas as relações circunscritas a ela.

Desta forma, nos é necessário rever, em Pierce (2005, p. 46), o destaque dado ao signo, que, para os estudos toponímicos, é de vital importância. Assim,

um signo, ou *representamem*, é algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou talvez um signo melhor desenvolvido. Ao signo, assim criado, denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei *fundamento do representamem* (Grifos do autor).

É esse signo, mencionado por Pierce (2005) que no decorrer desta pesquisa buscamos em partes fazer a sua análise, com vias na teoria da pragmática e dos estudos toponímicos.

E, quanto à estrutura de formação, um topônimo pode ser um nome simples ou composto e segue, evidentemente, as mesmas regras de formação de palavras da língua portuguesa. Um nome, em função toponímica, pode também ser constituído por frases e orações; seguem, assim, a sintaxe da língua em que se insere.

Segundo Dick (1992), o topônimo vincula-se, por diversos fatores, ao elemento geográfico do qual é o referente, estabelecendo com ele um conjunto que, por sua vez, pode ser separado em partes menores para se distinguirem os seus elementos formadores. Morfologicamente, dois elementos básicos podem ser depreendidos dessa relação; um, o termo ou elemento genérico que se relaciona à entidade geográfica que recebe a denominação e o outro, o elemento ou termo específico, o topônimo propriamente dito, que carrega em si mesmo a noção espacial, que identificará e singularizará a entidade denominada das outras semelhantes.

Entrecruzar as duas áreas de estudo a pragmática e toponímia, é relevante para os estudos linguísticos e no tópico seguinte discutimos a metodologia que dá suporte a análise dos dados.

3 Os métodos e as formas de plantação e colheita

A princípio, para justificar os métodos que são utilizados na realização desta pesquisa, observamos em Silva e Silveira (2007, p. 145) que os métodos de pesquisa podem ser definidos como “princípios e procedimentos aplicados para construção do saber”. Os autores salientam que se torna mais difícil ficar restrito a um único método, quando se pode lançar mão do “pluralismo metodológico”. Assim, considerando as especificidades de um estudo toponímico, é possível conjugar métodos de forma ordenada e lógica. Isto quer dizer que se podem utilizar métodos de abordagem (indutivo, dedutivo,

dialético), em consonância com os preceitos de um ou mais métodos de procedimento (funcionalista, comparativo, fenomenológico, estruturalista).

O método onomasiológico, que é usual nos estudos toponímicos e, de acordo com Silva (2010), é um método que se constitui do estudo das designações e tem como objetivo estudar os diversos nomes atribuídos a um conceito. E, por meio do método onomasiológico pode ser investigada toda a cultura popular de um local, podendo-se priorizar os aspectos sincrônicos ou os históricos. Em relação à toponímia, os aspectos históricos são bastante reveladores do que subjaz à nomeação dos lugares. Assim, com a busca do histórico, o método diacrônico subsidiará esta pesquisa, uma vez que, a partir de Saussure, muito tem se falado de sincronia e diacronia. Dessa forma, o método diacrônico traz à tona as ocorrências e as mudanças sofridas na língua através do tempo.

Os procedimentos de pesquisa, que fazem parte da metodologia constitui-se de uma pesquisa documental, com abordagem qualitativa, para o levantamento dos dados, os topônimos (nomes de rua) da Vila Tancredo Neves, Pires do Rio-GO, uma vez que a constituição dos “lugares” está registrada em documentos públicos e levantamento histórico geográfico. O percurso apresentado por Dick (1990), pautado na indução, desenvolve-se através de um plano onomasiológico de investigação que, a partir de um conceito genérico, se identificam as variáveis possíveis das fontes consultadas. Nos registros municipais, constam os nomes atuais e os nomes anteriores (quando houve mudanças) dos lugares de toda região municipal. Estes e os mapas constituem as fontes primárias da pesquisa.

Os dados da pesquisa foram coletados no Museu Ferroviário e na Câmara Municipal, ambos no município de Pires do Rio-GO. Após esse procedimento, tabulamos os 16 topônimos; e, de acordo com a natureza toponímia física e antropocultural procedemos com a classificação taxionômica, analisadas no item 4. Como é usual o preenchimento da ficha lexicográfica-toponímica, para auxiliar no momento de análise; e, ao mesmo tempo foi feito o arcabouço teórico da pesquisa, discutido nos tópicos anteriores. O objeto desta pesquisa, o léxico toponímico, os nomes das ruas da Vila Presidente Tancredo Neves, cidade de Pires do Rio-GO, estão inseridos em um contexto singular e de convívio do autor da pesquisa e que se revela na seção seguinte.

4 A colheita: o topônimo e sua “referência” com o local

O contexto de nosso estudo é o Conjunto Habitacional “Vila Presidente Tancredo Neves”, a primeira vila habitacional da cidade de Pires do Rio-GO, cidade fundada no ano de 1922, por vias da expansão da Estrada de Ferro Goyaz, sendo a primeira cidade planejada da região Centro-Oeste do país.

O que nos motivou a fazer esta pesquisa foi saber que os nomes das ruas da Vila Tancredo, como é denominada por seus moradores, eram nomes de peixes e que, supostamente, havia uma rua que se denominava Rua das Piranhas, segundo informações não confirmadas em documentos públicos. A Lei nº. 1.646, de 17 de agosto de 1987, alterou os nomes dos logradouros da referida vila e, no momento de coleta dos dados, encontramos uma justificativa para a alteração dos nomes:

Justificativa da lei “O Conjunto Habitacional construído pela Cohab-Go acima do Estádio Inocêncio de Oliveira. Chamou-se originalmente “Vila Corumbá”. Alguém mais imaginoso denominou suas ruas utilizando nomes de peixes, **alguns hoje escassos** no Rio Corumbá, para facilitar a sua localização” (PIRES DO RIO, Lei 1.646, 1987, grifo nosso).

Observamos, que o nome da vila também foi alterado, pois anteriormente chamava-se “Vila Corumbá”. Corumbá é uma das bacias hidrográficas mais importantes do estado e da região sudeste de Goiás, e, foi a partir da construção da ponte presidente Epitácio Pessoa sobre o rio e a expansão da linha férrea, que surgiu a cidade de Pires do Rio. Por isso, a importância da homenagem aos peixes, já que, segundo Couto (2007, p. 255), “a classificação das coisas e acidentes do meio ambiente parece apresentar características específicas, diretamente relacionadas com o contexto”.

A partir dessas observações, tomamos o ato de nomear o local como uma ação/ato linguístico, já que por meio da língua o homem categoriza o seu território, e mais, os nomes dos lugares tornam referentes, e, como observado em Yule (2003), a referência não é simplesmente uma relação entre o significado de uma palavra ou frase e um objeto ou pessoa no mundo, é um ato social e colaborativo.

A seguir, trazemos a tabela 1, com os nomes das ruas. Na primeira coluna estão os topônimos da primeira denominação; e na segunda, a denominação atual.

Tabela 1

Topônimos do Conjunto Habitacional “Vila Presidente Tancredo Neves”

Ordem	Primeira denominação	Denominação Atual
01	Rua dos Piaus	Rua Felipe Bento
02	Rua dos Dourados	Rua João Mariano Ribeiro
03	Rua das Parapitingas	Rua Pastor Libório Silva Neto
04	Rua dos Pintados	Rua Mariana Rezende de Sampaio
05	Rua dos Jaús	Rua Jovina da Conceição e Silva
06	Rua das Papa-Terras	Rua Walter Cassiano
07	Rua dos Timburés	Rua Ana Carolina de Mendonça
08	Rua dos Lambaris	Rua Antero Ferreira de Rezende
09	Rua das Traíras	Rua Antônio João Tavares
10	Rua dos Surubins	Rua Ildeu Torres
11	Rua das Piracanjubas	Rua Maria José Santana
12	Rua das Piramparas	Rua Hans Schucht
13	Rua das Piabas	Rua Olizandra Augusta Ferreira (D. Duca)
14	Rua dos Bagres	Rua Antônio João Bastos
15	Travessa dos Pescadores	Rua Carlos Cassiano
16	Largo localizado entre as quadras 8 e 9	Largo Professor Severino de Araújo

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da Lei Municipal, Lei nº. 1.646, de 17 de Agosto de 1987

Os topônimos apresentados na tabela 1, por sua natureza taxionômica, pertencem as taxionomias de origem Física (primeira denominação) e Antropocultural (denominação atual). E de acordo com as 27 taxes que estão embutidas nos dois grupos, os topônimos se enquadram: a) **Zootopônimos**: topônimos de índole animal: rua dos Jaús; b) **Antropotopônimos**: topônimos relativos aos nomes próprios individuais: rua Felipe Bento.

Analisando os zootopônimos, todos são relativos a nomes de peixes e de origem da língua Tupi 10 (dez), do latim 03 (três) e 1 (um) de origem obscura. Já os antropotopônimos são relativos a nomes de pessoas que, de alguma forma, contribuíram com a comunidade piresina, e todos no momento da nomeação já eram falecidos. Quanto à origem, em sua maioria, tem base no léxico português.

De acordo com Marcuschi (2001 p. 101), “a referenciação é uma ação interativa, construtiva e não representacional, possivelmente componencial, que favorece pistas de

acesso para elaboração de sentidos”. Nesse interim, a referência que se faz dos nomes de peixes (zootopônimos) é a homenagem a peixes pertencentes ao rio Corumbá, a maior bacia hidrografia local, e ainda, o primeiro nome que foi dado a vila foi “Vila Corumbá”, justifica-se ainda mais os nomes que receberam as ruas da vila, de peixes.

Ao percebemos o contexto da Vila Corumbá, quando nomeada, e os logradouros (zootopônimos) se enquadram especificamente no conjunto, pois o léxico gera também pistas de contextualização quanto aos topônimos e a inferência se pauta na referência local a que pertencem. De acordo com Marcuschi (2000), algumas atividades de referência só se esclarecem com processos inferenciais, e, é na interação cooperativa que se constrói a referência, bem como, a caracterização do que passa a existir no ato de nomeação. Isso também ocorre com a nova nomeação da Vila Tancredo Neves, com os antropotopônimos, pois desde o léxico que nomeia a vila a seus logradouros pertencem ao mesmo campo dos topônimos, de natureza Antropocultural e atrotopônimos (nomes que homenageiam a pessoas que contribuíram com a formação da comunidade piresina).

Ao percebermos a importância do topônimo para o local nomeado, Isquierdo (1997, p. 31-32) esclarece que,

[...] na situação específica do topônimo, além de determinar a identidade de lugares, a análise de sua estrutura pode fornecer elementos para esclarecer muitos aspectos referentes à história política, econômica e sócio-cultural de uma região. Desta forma, o papel do signo toponímico ultrapassa o nível apenas da identificação, servindo, pois, de **referência** para o entendimento de aspectos da realidade em que está inserido. Em segundo lugar, é preciso atentar para o fato de que toda nomeação, normalmente, é estimulada (ou até mesmo condicionada) por fatores inerentes à realidade circundante do denominador (grifo nosso).

Porquanto, Oliveira e Isquierdo (2004) revelam que o léxico, quando se configura na via de acesso em um texto, representa a abertura, visão pela qual um povo pode ver o mundo, pois através da língua se deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e os costumes de uma comunidade. “Em vista disso, o léxico de uma língua conserva estreita relação com a história cultural da comunidade” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2004, p. 09).

O topônimo, vai além de um simples léxico, pois nas bases de nosso estudo, ele, como referente, carrega a história de uma comunidade que toma, a partir do ato de nomeação, o topônimo como objeto-de-discurso.

5 Fazendo um balanço da colheita

No limiar desta pesquisa, trazemos a referenciação como ponto norteador de nossas discussões, juntamente com a toponímia. Desta forma, o arcabouço teórico de ambas às áreas foi de fundamental importância, pois deram subsídios para após as discussões teóricas, proceder com as análises dos dados.

O léxico caracterizou-se o topônimo e, após como termo-onomástico, tornando-se sujeito às transformações morfossintáticas, comparadas a outras unidades lexicais. Andrade (2010) nos direciona que deve ser estudado etimológica e semanticamente nas diferentes situações comunicativas para a devida sistematização taxionômica. E, consoante a isso, “com a noção de referência designamos sempre indivíduos, grupos de indivíduos, fatos, lugares, tempos etc., sempre singulares (existentes, imaginados ou contratualmente estabelecidos)” (MARCUSCHI, 2000, p. 10). Foi nesta linha que a nossa pesquisa teve sua formação e caracterização, a função toponímica como processo de referenciação, não estando tais termos sozinhos, mas em grupo, no aspecto cooperativo.

E, de acordo com Marcuschi (2000), a referência diz respeito a processos de identificação/determinação de coisas, fatos históricos, sujeitos, e fatos a mais de todo tipo de discurso. Por isso a importância do estudo da pragmática em função toponímica como processo de referenciação, que em nossa pesquisa foi realizado e caracterizado pelo processo de nomeação do local, no caso os topônimos (nomes de ruas) da Vila Tancredo Neves, da cidade de Pires do Rio-GO, que se tornam referentes para a comunidade.

Ao analisarmos os topônimos, é perceptível que as pistas de contextualização estão relacionadas com os zootopônimos no primeiro momento em relação ao nome da Vila Corumbá, como já observado, pois os peixes são pertencentes ao rio, assim, a população homenageia os peixes que são inerentes ao local. E, depois com os antropotopônimos, no segundo momento de nomeação da Vila Tancredo Neves, que, na ocasião, homenageiam pessoas (*in memorian*) que serviram a comunidade piresina de alguma forma.

E, por fim, os topônimos analisados no campo da pragmática são algo novo, pois no decorrer de nossos estudos estivemos em busca de material para nos orientar e servir de base teórica, infelizmente, não encontramos, assim, este nosso trabalho servirá de inspiração para que outros possam se aventurar pelo caminho da pragmática e dos estudos toponímicos.

6 Referências

ANDRADE, Karrylleila dos Santos. **Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins**: ATITO. Goiânia-GO: Ed. PUC Goiás, 2010.

BLUTNER, R. Pragmatics and the Lexicon. In: HORN, L. R. & WARD, G. **Handbook of Pragmatics**. London: Blackwell Publishing, 2004.

COUTO, H. H. **Ecolinguística**: um estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília-DF: Thesaurus, 2007.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira**. São Paulo-SP: Edições Arquivo do Estado, 1990.

_____. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. São Paulo-SP: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

_____. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. São Paulo: Humanitas, 2004. p. 121-130.

GUMPERZ, J. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A Toponímia como signo de representação de uma realidade. **Fronteiras** – Revista de História (UFMS), Campo Grande-MS: v. 1, n. 2, p. 27-46, jul./dez. 1997.

JIMÉNEZ, C. La pragmática en el léxico – un análisis lexicológico contrastivo de los verbos del decir en español y alemán. Verbo e estruturas frásicas. **Rev. Fac. Letras** – Línguas e Literaturas, Anexo VI – Porto, p. 121-139, 1994.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo-SP: Cortez, 2005.

KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **D.E.L.T.A.**, v. 14, p. 169-190, 1998.

MARCUSCHI, L. A. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido. In: **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro-RJ: Lucena, 2007

_____. **Quando a referência é uma inferência**. Conferência pronunciada no GEL (Grupo de Estudos Linguísticos do estado de São Paulo), UNESP, Assis-SP, maio de 2000.

MEY, J. L. Context, implicature and reference. In: **Pragmatics: an introduction**. Oxford, U.K.: Blackwell, 2001.

PINTO, J. P. Pragmática. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística 2: domínios e fronteiras**. São Paulo-SP: Cortez, 2001, p. 45-68.

PIERCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Tradução José Teixeira Neto. São Paulo-SP: Perspectiva, 2005.

PIRES DO RIO-GO. **Lei n. 1.646**, de 17 de Agosto de 1987. Denomina ruas e logradouros públicos da Vila Presidente Tancredo Neves. Pires do Rio-GO, 1987.

RAJAGOPALAN, K. Pragmática. In: MOLLICA, Maria Cecilia; JUNIOR, Celso Ferrarezi (Orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo-SP: Editora Contexto, 2016, p. 197-204.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 30ª ed. São Paulo-SP: Cultrix, 2008.

SIQUEIRA, K. M. de F. Nos trilhos da estrada de ferro: reminiscências de motivações toponímicas. **Revista da ANPOLL**, São Paulo-SP, v. 1, n. 32, p. 150-170, 2012. Disponível em: <www.anpoll.org.br/revista/>. Acesso em: maio 2017.

_____. Estudo toponímico: âmbitos e perspectivas de análises. **ReVEL**, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em: jun. 2017.

SILVA, A. S. Palavras, significados e conceitos o significado lexical na mente, na cultura e na sociedade. **Cadernos de Letras da UFF**. Dossiê Letras e cognição, n. 41, p. 27-53, 2010. Disponível em <www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo1.pdf>. Acesso em: maio 2017.

SILVA, C. C. **Os cursos d'água de Pires do Rio: análise das motivações toponímicas**. 2017. 122f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Catalão-GO, 2017.

SILVA, J. M.; SILVEIRA, E. S. **Apresentação de trabalhos acadêmicos**. 2 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

YULE, G. Reference and inference. In: **Pragmatics**. Oxford: Oxford University Press, 2003.